

Explicação *versus* compreensão: antinomia insanável ou dialéctica necessária à compreensão do humano?

São dois os constructos epistemológicos que enformam o desenvolvimento da pesquisa científica: a explicação e a compreensão. Estes estão tradicionalmente ligados a duas correntes na ciência: galilaica e aristotélica. Neste contexto, este trabalho pretende ser uma reflexão crítica sobre o rumo epistemológico da enfermagem e surge na sequência de um mau estar pessoal face à sua indefinição gnoseológica. Para a sua consecução, numa primeira parte contextualiza-se o problema, na segunda procura-se clarificar os constructos e, numa terceira, conclusiva, integradora e eclética, apresenta-se uma alternativa sustentada na complementaridade dialéctica entre os constructos.

A disciplina de enfermagem face à antinomia explicação/compreensão

Apesar de teóricas como Watson (1985), Newman (1986,1990), Paterson e Zderad's (1981,1987,1990), entre outras, terem já renunciado publicamente à abordagem das ciências naturais e apelarem para novos e diferentes métodos mais congruentes com as bases filosóficas da enfermagem (Mitchell e Cody, 1999), constata-se que, no debate que ocorre à volta da disciplina, desde a América do Norte à Escandinávia, não transparece de forma clara quais os constructos¹ epistemológicos que devem orientar o seu desenvolvimento científico.

Paralelamente, na área da filosofia das ciências, tem ocorrido um controverso diálogo entre explicação e compreensão. O debate sobre o valor heurístico da compreensão e sobre as “duas culturas”² tem passado por sucessivas etapas, nas quais se salientam com frequência questões metodológicas e ideológicas. Aquele diálogo, não sendo específico da Enfermagem

¹ O termo “constructo” é aqui usado com o significado de termo categorial adoptado numa área de estudo e cuja função é mediar a distinção do objecto como percebido, além de facilitar a conceptualização das relações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, favorecendo o campo da compreensão epistemológica dos resultados

² Refere-se à cultura das ciências humanas e das ciências naturais. Esta discussão não é pertença da actualidade nem tão pouco do século XX. As duas culturas continuam em guerra aberta, sendo disso exemplo o caso Sokal.

é, segundo Packard e Polifroni (1999), não só esperado mas talvez necessário ao seu crescimento e maturidade enquanto ciência. Estas autoras sugerem mesmo que a sua epistemologia não avançará no caminho de uma boa ciência enquanto os teóricos e os pensadores não identificarem as suas premissas filosóficas no desenvolvimento das teorias.

Consciente desta problemática e, uma vez que as disciplinas se caracterizam pela perspectiva que adoptam, pelo seu domínio, fontes de desenvolvimento do conhecimento e formas pelas quais o conhecimento é caracterizado e desenvolvido (Meleis, 1997), não parece ser correcto cair nas tentações de encontrar, na dinâmica da conceptualidade metafísica, a inteligibilidade dos múltiplos fenómenos que são objecto de estudo da enfermagem. Por tudo isto se impõe a questão:

Como conduzir a exploração científica da disciplina cujo objecto é o estudo do cuidar no contexto da experiência humana de saúde (Newman, Sime e Concorran Perry, 1999)?

Aquele é um cuidar que alude às manifestações de saúde e de doença, sejam elas de que natureza for, através do corpo. Um cuidar que se estrutura a partir da compreensão de cada expressão singular da vida que como fenómeno cultural passa por uma compreensão intelectual, pressupõe uma vivência (Brandão da Luz, 2002). Um cuidar que não se confina à compreensão dos fenómenos, mas que se identifica com a acção e se alimenta da sua praxis.

Face a isto, pode-se recolocar a questão da seguinte forma: este estudo do cuidar dever-se-á conduzir por um raciocínio galilaico ou por um raciocínio aristotélico? Ou ao invés disso, por um raciocínio dialéctico de ambos?

Na estrutura de cada um destes raciocínios (galilaico e aristotélico) ancora a lógica do pensamento, que incorpora pressupostos e termos significantes que guiam a busca da verdade. Significa dizer que a procura da verdade na ciência é deduzida a partir de premissas, norteadoras da investigação. Sob este desígnio, a lógica do pensamento galilaico, cujos termos significantes são a explicação e a objectividade, orienta-se na construção de modelos que permitem realizar explicações e experiências sistematicamente objectiváveis; orienta-se por

uma relação de um sujeito (investigador) que actua instrumentalmente, e que é pensado relativamente à resistência do objecto, não à liberdade de acção. Nesta lógica impera, segundo Morin (s d), o primado da experiência sobre a coerência. A lógica do pensamento aristotélico, cujos termos significantes são a compreensão e a subjectividade, orienta-se por não fixar limites às condições experimentais de observação, de forma que o sujeito investigador tenha livre acesso à realidade; move-se pelo princípio da compreensão.

A especificidade dos constructos

O constructo explicação – ou a racionalidade positiva

Por seu lado, a explicação com o seu próprio domínio, subjacente ao paradigma das ciências naturais, procura identificar uma estrutura unívoca do objecto que é dada como invariante. Representa a expressão da racionalidade do homem pensante, existindo uma identificação do mundo racional e do mundo mecanicista. Reduz as causas para dar conta dos efeitos observados, reduz a multiplicidade dos fenómenos, reagrupando-os por famílias regidas pelas mesmas leis. É o esforço de descobrir o sentido do mundo, descobre encadeamentos, relações de causa e efeito. Nesta perspectiva a ciência descreve a materialidade dos fenómenos e é incapaz de ver neles coisa não material.

Na falta de conhecimento formal, um fenómeno é lido como um sinal, apenas porque ainda não está inserido na teia das relações da ciência. A ciência ao descobrir estas relações dá uma explicação ao fenómeno, deixa de ser um sinal e passa a ser um facto científico. Explicar significa expôr os fenómenos a partir de qualquer coisa diferente de eles próprios, a que são associados segundo relações consideradas como necessárias ou, pelo menos, como suficientes. Para isso **faz apelo a entidades ou processos elementares que se supõe estarem na origem dos fenómenos observados ou que permitem a sua reconstituição por combinações ou uniões.** A explicação implica, assim, sempre a intervenção de partes constituintes e de

factores internos ou externos ao domínio estudado, e de interações em que participam essas diversas entidades.

O constructo compreensão: a outra face da moeda na compreensão do humano

A compreensão, a partir de Dilthey e Hegel tornou-se fundamental no percurso de uma reflexão epistemológica. Trata-se de um dos domínios que, enquanto tal, tem uma racionalidade própria e uma forma diferente de conduzir a sua exploração sistemática.

O domínio de investigação da compreensão pertence a uma esfera da realidade distinta das outras categorias das ciências, pertence à esfera da realidade do investigador. Ela não transcende o sujeito, o que torna a abordagem dificilmente programável em termos objectivos. A intervenção da consciência e da vontade intencional introduziu neste domínio, um universo de significações que não podem ser traduzidas por esquemas explicativos. A compreensão é uma forma particular do processo de conhecimento. Processo determinado pela forma da relação entre o sujeito e um objecto. Compreender implica uma transformação do sujeito pela via da relação. Pressupõe que a relação não seja apenas mecânica. Pelo contrário, o objecto é também ele sujeito.

A elaboração de teorias interpretativas constitui o instrumento de acesso ao conhecimento (Brandão da Luz, 2002). O acesso directo a um mundo subjectivo, a um mundo fisicamente mudo não é viável senão pelo caminho da interpretação do sentido que está subjacente à sua origem. Interpretar é fazer emergir, através da linguagem, esse mundo submerso. Neste domínio, o comportamento humano assume-se como auto-referente. Exige uma validação sistemática das interpretações (o que possibilita uma descentração do ponto de vista próprio e viabiliza um criticismo racional) e suas relações, aquilo a que Locke chamou de formas de fazer conhecimento: comparar ideias; verificar se as ideias surgem em paralelo; e verificar se as ideias existem para além de uma só mente. Assim se consegue *algum* lugar de

certeza com o conhecimento sensível, assegurado a partir das proposições práticas que as coisas existem.

A compreensão não nos permite explicar os fenómenos pelas suas causas iniciais mas sim pelas suas causas finais; não nos dá as mesmas possibilidades que uma teoria eficaz com que possamos explicar e/ou controlar um acontecimento, dá-nos tão só a eventualidade de *insights* aceitáveis que nos ponham num contacto mais directo com o fenómeno em estudo (Morrison, 2001). A compreensão tem como objectivo captar a essência íntima do fenómeno em estudo e onde qualquer ser vivo não pode ser reduzido a simples fenómenos físico-químicos. Compreender significa aceitar que um ser vivo é uma força viva que escapa a qualquer controle experimental. O seu dinamismo não pode obedecer a leis gerais mas sim à descrição do vivido. O que se perde em abstracção e previsibilidade ganha-se em concretismo do mundo imediato (Quartilho, 2001). **Significa expor os fenómenos tal como são observados, sem fazer apelo a elementos distintos ou a processos não observados.** Nesta óptica, em que existe a preocupação de só fazer intervir “factos”, é por vezes considerada como o apogeu do rigor científico.

Da necessidade da dialéctica explicação/compreensão

A explicação apesar de importante, porque pode prescrever as acções, e uma disciplina prática como a enfermagem precisa de prescrever, de antecipar as acções guiadas por uma lógica científica (Gortner 1997), só por si é insuficiente porque a acção é subjectivamente significativa. Se aplicarmos esta visão científica só vemos determinismos, é a redução do conhecível ao manipulável. Dá-nos um conhecimento que exclui a individualidade, exclui a finalidade, exclui o sujeito (Morin, 1990).

Podemos explicar porque razão um micróbio provoca uma doença que pode levar à morte. Porque as estruturas e funções dos seres vivos podem ser reduzidas às propriedades e

às leis da matéria inerte, onde cada fenómeno particular resulta de uma causa de que ele é o efeito. A ciência pode explicar como as coisas funcionam; pode explicar a dor mas a explicação é insuficiente para saber qual o significado da dor naquela pessoa. Por seu lado a compreensão, campo tão vasto quanto o do conhecimento humano, já que tudo o que procede por analogia e representações é de natureza compreensiva (Morin, 1990), não nos dá uma hierarquia superior (abstracta). Não nos dá uma matriz de funcionamento, por utilizar uma escala de apreensão do real, excessivamente minuciosa, que nos permita generalizações; que nos permita estreitar a base de apoio do sistema complexo (corpo, vivência). A compreensão ainda que reconhecida como necessária, na área científica de enfermagem, tem limites e riscos que advêm de se mover no âmbito do concreto, do analógico e do global.

Significa o exposto que a explicação e a compreensão devem estar interligadas. O estudo do corpo sujeita-se a regras generalizáveis e a procedimentos analíticos, a vivência estuda-se pela referência aos factos, ligados a um sistema de valores, e sujeita-se a procedimentos hermenêuticos.

O corpo e a sua vivência têm sim uma relação dialéctica (interagem). Integram a natureza essencial dos seres humanos. Significa como diz Morin (1990:25) “estabelecer a relação entre as ciências naturais e as ciências humanas, sem as reduzir umas às outras (pois nem o homem se reduz ao biofísico nem a ciência biofísica se reduz às suas condições antropossociais de elaboração)”. Temos por isso a necessidade de explicar e de compreender. Sem que a força dos sentidos seja negada, reconhecem-se os seus limites. Polifroni e Packard (1999) registam que também Miller (1983) sugere que a Enfermagem ocupa uma posição mediana nestas polaridades.

A praxis³ de Enfermagem tem como objectivo facilitar o processo de transição com vista a um estado de equilíbrio ou de bem estar (Meleis, 1997). Este processo, que é de

³ Praxis no sentido sociológico é concebida através de um “fazer” no qual o outro, ou os outros, são visados como seres autónomos considerados como agentes essenciais do seu desenvolvimento e da sua própria autonomia (Morin, 1990).

natureza singular, não pode deixar de incluir o estudo do corpo, como organismo passivo porque precisa da previsibilidade (antecipação), que advém do pensamento atomista e racional, e que é inerente a qualquer diagnóstico, mas simultaneamente, também não pode deixar o estudo do significado do corpo porque precisa do concretismo das vivências para uma tomada de decisão singular. A singularidade resulta da (re)ordenação desta multiplicidade com vista a um fim - o cuidado. A praxis enquanto totalização supõe uma síntese, ou seja, a integração de uma multiplicidade numa totalidade distinta da soma das suas partes.

A aceitação desta realidade complexa exige, segundo Morin (1990), um método que saiba fazer comunicar aquilo que é distinto, um método que não escamoteie nem a dimensão biológica nem a social nem a individual. Um método que ponha em interacção e retroacção o particular e o universal. Um método que mantenha um vaivém continuado entre um raciocínio galilaico e aristotélico, de acordo com a especificidade do contexto, pois o âmbito de generalização é limitado (Meleis, 1997). O primeiro de natureza atomista⁴, organizado em categorias estáticas e vazias de significado e o segundo de natureza finalista organizado numa hermenêutica de construção de significados. Digamos que tem que seguir um pensamento jasperiano. Por outras palavras, não é possível separar a forma do conteúdo, a estrutura da substância. A complexidade da praxis de enfermagem reside no facto de se tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença, ou seja, o sentido entre as dimensões físicas, biológicas, sociais, culturais e espirituais do homem.

A cooperação destes dois raciocínios, o primeiro coerente com as ciências naturais e o segundo com as ciências sociais e humanas, abre horizontes que dissolvem os limites de qualquer um deles, liberta desordem o que introduz dificuldades na lógica do pensamento científico moderno. Leva a fazer emergir uma nova organização do conhecimento, em termos

⁴ O pensamento atomista iniciou-se a partir do Círculo de Viena. Pressupõe a existência de enunciados atómicos, fundamentados num dado empírico rigorosamente definido, e que, a partir destes poderiam constituir-se proposições, teorias e que assim poderia ser obtido um tipo de pensamento verdadeiro, certo, científico (Morin,1990)

epistemológicos e metodológicos, onde o singular e o universal coabitam e se modelam numa relação circular sobre o primado dos saberes práticos, onde o real excede sempre o racional. Nela não têm mais sentido afirmações como: “os analíticos remetem as disciplinas que procedem em termos hermenêuticos à antesala da ciência em geral; os hermenêuticos, por seu lado, imputam globalmente às ciências nomonológicas uma precompreensão limitada” Habermas (1996:82).

Tanto a compreensão quanto a explicação constituem tão só métodos de análise diferentes, conforme o estatuto atribuído ao objecto. A opção compreensão versus explicação não deve ser avaliada em termos de alternativa metodológica, mas antes de uma opção de natureza epistemológica, não ontológica, ou seja, não ligada à determinação da natureza do objecto. É no estatuto do objecto e não na sua natureza que reside a diferença dilteniana entre compreensão e explicação, (Magalhães, 1995)

No estudo do cuidar, sob o paradigma dos sistemas abertos no qual a enfermagem moderna se posiciona, não tem qualquer sentido a refutação do determinismo científico da explicação (aliado à crença da existência de um possível conhecimento objectivo), e/ou do cepticismo da compreensão (aliado à crença da subjectividade do conhecimento). Na regência deste paradigma é preciso fazer comunicar as diferentes instâncias do conhecimento, criar o circuito entre elas.

Nenhum sistema semântico pode encontrar em si mesmo a sua própria justificação e a sua própria explicação. Da dialéctica entre a filosofia explicativa e a filosofia compreensiva nasce uma nova ordem. Os fundamentos das diferenças encontram-se em princípios cardeais e constituem dois conjuntos de ideias e valores característicos da filosofia do conhecimento. Relacionam-se de forma interdependente e subordinadas a um todo – o Homem. Estabelecem entre si uma relação hierárquica, constituindo assim uma totalidade na qual a explicação se situa num nível subordinado à compreensão. Nesta análise não há uma relação excludente, ou seja uma parte não exclui a outra, ou é uma outra. Todo o método é insuficiente quando é

preciso ter a capacidade de discernir a partir do desconhecido. Discernir aquilo que liga as manifestações biológicas, psicológicas e culturais é aumentar a nossa compreensão da acção.

O cuidado é simultaneamente objecto de uma encruzilhada de vários aspectos a considerar. Exige criação e, onde a lógica clássica é ultrapassada para descobrir o sentido da acção naquele contexto (Collière, 1989). Exige previsão, antecipação, compreensão, aceitação.

Em termos gnoseológicos estamos perante um paradigma heteromorfo na medida em que permite celebrar uma heterogeneidade científica, e nele se pode dar lugar a termos não isomorfos com um modelo. Não é um paradigma unívoco, mas um paradigma que permite assinalar a heterogeneidade entre os campos da ciência; permite estabelecer termos de comparação entre eles. O paradigma heteromorfo entronca com o princípio da multiplicidade que define que a ciência é plural.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO DA LUZ, José Luis. - Introdução à Epistemologia: Conhecimento, verdade e história. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002

COLLIÈRE, Marie Françoise. - Promover a Vida: Da prática da mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989

HABERMAS, Jurgen - La Lógica de las Ciencias Sociais. 3º. Ed. Madrid: Tecnos, 1996

GORTNER, Susan, R. - Nursing Values and Science: Toward a Science Philosophy. In: Leslie H. Nicoll - Perspectives on Nursing Theory. 3ª Ed. Philadelphia: Lippincott, 1997

MAGALHÃES, Rui - Compreensão e Sentido. 2º. Vol. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1995. Tese de doutoramento.

MELEIS, Afaf, Ibraim - Theoretical Nursing: Development and progress. 3º Ed. Philadelphia: Lippincott, 1997

MITCHELL, G. J.; CODY, W. K. - Nursing knowledge and Human Science In: Polifroni, E. C. & Welch, M. - Perspectives on Philosophy of Science in Nursing. An historical and contemporary anthology. Philadelphia: Lippincott, 1999

MORIN, Edgar - O Problema Epistemológico da Complexidade. Lisboa: Edições Europa América, (s d)

MORIN, Edgar - Ciência com Consciência. Lisboa: Edições Europa América, 1990

MORRISON, Paul - Para Compreender os Doentes. Lisboa: Climepsi Editores, 2001

NEWMAN, M. A.; SIME, A. M.; CORCORAN PERRY S. A. - The Focus of the Discipline of Nursing In Polifroni, E. C. & Welch, M. - Perspectives on philosophy of science in nursing. An historical and contemporary anthology. Philadelphia: Lippincott, 1999

PACKARD S. A.; POLIFRONI, E. C. - The Nature of Scientific Truth In Polifroni, E. C. & Welch, M. - Perspectives on philosophy of science in nursing. An historical and contemporary anthology. Philadelphia: Lippincott, 1999

POLIFRONI, E. C.; PACKARD, S. A. - Explantion in Nursing Science In: Polifroni, E. C. & Welch, M. - Perspectives on philosophy of science in nursing. An historical and contemporary anthology. Philadelphia: Lippincott, 1999

QUARTILHO, M. J. R. - Cultura, Medicina e Psiquiatria: Do sintoma à experiência. Coimbra: Quarteto, 2001